

PDS apóia as eleições

DF eleição

08/10/85, TERÇA-FEIRA • 15

para governador

Ana Leyla

Daqui a um mês, aproximadamente, o PDS do Distrito Federal vai encaminhar proposta de emenda à Constituição ampliando a representação política para Brasília. Embora ainda não tenha posição definida sobre o assunto, a ideia, a princípio, é de que o brasiliense eleja apenas o governador e seus representantes, junto a uma Assembléia Legislativa estadual.

O partido, que já foi "o maior do Ocidente", goza de situação privilegiada a nível local, segundo um dos membros do diretório regional, Carlos Zakarewicz: "E que aqui já nascemos na oposição", explica ele, referindo-se ao fato de que a instalação do diretório coincidiu com o início da gestão do governador José Aparecido.

Na situação de oposicionistas, os militantes e do PDS encontraram uma "grande" questão a polemizar, o mastro da bandeira erguido na gestão do general Emílio Garrastazu Médici, que sustenta a maior bandeira do Brasil. O partido encaminhou, inclusive, um abaixo-assinado ao governador, pedindo para ele ficar onde está.

Nesta entrevista, os pedestinos que fazem parte do diretório regional do partido falam sobre outra bandeira: a representação política para o Distrito Federal.

Pitanga Seixas: O DF apresenta atualmente características que o aproximam, na sua estruturação política, aos demais Estados da Federação. Nós temos já um Poder Judiciário totalmente implantado, nós temos o Poder Executivo a nível de governador, enquanto no antigo DF, no Rio de Janeiro, o Executivo se fazia representar através de um prefeito. Estaria faltando, assim, o Poder Legislativo. A emenda constitucional, que dotou recentemente o DF de representação política, a nível de Câmara e Senado, também contribuiu para essa aproximação do DF com os demais Estados da Federação, como nos lembrava recentemente o deputado José Fernandes, que proferiu uma palestra aqui no diretório, na última quarta-feira. Essa representação, contudo, não é o fórum adequado para tratar os grandes problemas locais, como o problema de saneamento, o problema de educação, o problema viário. Por isso entendemos que é inquestionável a necessidade de dotar o DF dessa representação, a começar pelo governador. Nós tínhamos, aliás, a promessa de que o nosso governador seria escolhido pelo povo, promessa que não se concretizou e ficamos então esperando o cumprimento da segunda, de que o governador seria um homem tirado da comunidade de Brasília. Nós nos frustramos porque isso também não aconteceu. Nos preocupamos agora porque sabemos que este governador, que de uma certa forma nos foi imposto e é alienígena, vai ser assim como um cometa de Halley, vai passar muito rapidamente, para já no início do próximo ano candidatar-se a uma Constituinte pelo estado de Minas, deixando-nos novamente frustrados. Mas então a escolha do governador é um anseio de todos nós: a Assembléia Legislativa do Estado também é inquestionável. O que estamos estudando agora é qual deve ser a profundidade desta representação política.

JBr: As posições até hoje manifestadas pelos partidos políticos, com relação ao tema representação política para o DF, podem ser agrupadas de duas maneiras: há os que defendem a ampliação da representação política já e há os que entendem que este é um assunto para ser definido por uma Assembléia Constituinte Regional. De qual dos dois lados está o PDS?

Pitanga Seixas: A questão ainda não foi definida internamente, mas na medida em que no DF nós não temos nem o Poder Legislativo ao qual competirá, talvez, fazer a convocação de uma Constituinte Regional, eu acredito que esse anseio da população de dotar imediatamente a cidade, o Estado, de sua representação, tem que ser atendido. Uma vez implantado o Poder Legislativo, nada impede que seja convocada uma Constituinte Regional. E talvez essa Assembléia Legislativa seja o fórum adequado para definir a profundidade desta representação.

Carlos Zakarewicz: O PDS vem debatendo com a população e internamente, através de seminários, e palestras, a questão da representação política para o DF e pensamos transformar as ideias que dão resultados em propostas de emenda à constituição. Isso deve acontecer dentro de no máximo 20, 30 dias, para que a nossa posição seja somada às demais.

JBr: As propostas de emenda à Constituição, ampliando a representação política para o DF, no momento, parecem contar com poucas chances de serem encaminhadas e consequentemente aprovadas. Então não se torna inócuo apresentar mais um projeto neste sentido?

Carlos Zakarewicz: Bem, na verdade já existem uma série de emendas tramitando no Congresso e em sendo apresentada mais uma, elas seriam votadas em conjunto. Então, porque não apresentar uma com o nosso pensamento?

JBr: Mesmo considerando que o PDS – DF ainda não tem uma posição definida sobre o assunto, como se encara, a princípio, a questão das cidades-satélites? Elas devem se transformar em municípios, ou não?

Mariano Aguiar: Nós temos, a princípio, a ideia de que as cidades-satélites, precisam de uma autonomia, principalmente a administrativa. Agora, quanto à forma, o consenso do partido é que, no momento, é interessante dar o primeiro passo na conquista da autonomia regional, porque seria muito imaturo pleitearmos uma Câmara de Vereadores ou de Representantes para as cidades-satélites sem saber de fato se é isto que vai de encontro às aspirações da população.

JBr: Na entrevista que fizemos semana passada, sobre o mesmo assunto, com o dirigente do PC do B do Distrito Federal, ele atribui ao PDS uma posição política de extrema-direita. Vocês concordam com isso?

Pitanga Seixas: De início já existe uma identidade que nos diferencia um pouco desta colocação que o companheiro do PC do B fez para atingir o PMDB. Ele próprio dizia que havia grupos dentro do PMDB. Nós temos uma grande felicidade de não termos grupos, estamos nascendo com uma característica bastante deseável em qualquer partido político: somos um bloco monolítico. O PDS é um partido de centro, que defende a propriedade privada, é um partido de classe média voltado para as classes desfavorecidas, porque entendemos que tudo na vida deve caminhar para a frente.

Mariano Aguiar: Eu diria também que a colocação do companheiro do PC do B foi de certo modo infeliz, ao dizer que uma ala do PMDB (o Comitê JK) é hoje um PDS disfarçado. Ora, não é um PDS disfarçado. Na verdade, decanta-se tanto neste País a Nova República, mas a colocação do companheiro do PC do B mostra que ele não está acostumado a viver numa democracia e felizmente o nosso partido é um partido democrático, que ainda empresta bandeiras para outros partidos.